

O “MÁGICO” NA OBRA SARTRIANA – ENTRE A AUTENTICIDADE E A MÁ-FÉ

RAMIRO DUARTE¹; NUNO CASTANHEIRA²

¹ Universidade Federal de Pelotas – UFPel – ramirosduarte@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – UFPel – npcastanheira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Desde as primeiras obras de Jean-Paul Sartre podemos encontrar, empregada com muitas nuances, a noção de “mágico”, bem como algumas outras que parecem relacionar-se a ela (vemos termos como encantamento, feitiço, entre outros). Poderíamos compreender tais elementos como meros recursos estilísticos no texto do autor, porém ao nos aproximarmos da maneira como, recorrentemente, aparecem nos escritos – exprimindo, no mais das vezes, fagulhas de espontaneidade, ou mesmo brechas para a ocorrência da má-fé – seríamos, para dizer o mínimo, negligentes em não explorarmos, mais profundamente, o que tal noção apresenta à reflexão.

Partindo da compreensão do senso comum, podemos extrair já algumas diretrizes norteadoras daquilo que é possível compreender como “mágico”. E, já em uma primeira aproximação, é possível apreender a existência de um caráter ambíguo relacionado à noção em questão: de um lado, podemos vislumbrar as ideias de ilusão, de engodo, de trapaça – compreendidas a partir de uma chave de interpretação (mesmo que vulgarizada) moderna e, em especial, iluminista – que relacionam o expediente do mágico à má-fé, ou à fuga (cf. VERÍSSIMO, 2019; OLIVEIRA, 2019; SOUZA, CARVALHO, 2022; CARVALHO 2023). Por outro lado, podemos conceber o aspecto “mágico” relacionado à ideia de algo inexplicável, ou inexplicado (como o surgimento das emoções, por exemplo). Com isso, parece corroborar o próprio Sartre (2007), quando afirma que “há uma estrutura existencial do mundo que é mágica”.

Na primeira, das duas perspectivas mencionadas acima, o “mágico [...] torna a consciência aprisionada em um modo de ser passivo, por mais que ela seja a fonte da constituição desse aspecto do mundo” (SOUZA, CARVALHO, 2022), ou atrelado à “imaginação como um ‘ato mágico’ [que] ilude e engana” (OLIVEIRA, 2019), que se dá “quando já não temos ferramentas para [lidar com] o mundo” (REYES-PÉREZ, 2019 – tradução nossa).

Porém, se “há uma estrutura existencial do mundo que é mágica” (SARTRE, 2007), e, como afirma Sartre (2008) “é preciso, pois, que o Para-si, em seu projeto, escolha ser aquele pelo qual o mundo se revele como mágico ou racional, ou seja aquele que deve, como livre projeto de si dar a si a existência mágica ou a existência racional”, mesmo que “não se dev[a] pensar que o mágico seja uma qualidade efêmera que colocamos no mundo ao sabor de nossos humores” (SARTRE, 2007), é possível considerar que há além da compreensão das relações entre o “mágico” e a má-fé, uma possível relação autêntica nesse mesmo sentido.

Um aspecto que, em grande parte dos casos, pode induzir a tal equívoco na interpretação se deve a predominância de descrições de aspectos negativos nas obras sartrianas: sejam as descrições do medo e da cólera, em *Esboço para uma teoria das emoções*; ou as descrições de sonhos aterradores e da esquizofrenia (como modos de fuga da realidade), em *O Imaginário*; da mesma forma, tais temas voltam a aparecer em *O Ser e o Nada*. E, em alguma medida, a relação com a má-fé é cabível por este exato motivo, porém – em uma nota de rodapé ao final da primeira parte de *O Ser e o Nada* – Sartre aponta que mesmo que a possibilidade constante de a consciência incorrer em má-fé “não significa que não se possa escapar radicalmente da má-fé. Mas isso pressupõe uma reassunção do ser deteriorado por si mesmo, reassunção que denominaremos autenticidade” (SARTRE, 2008).

Ao teorizar acerca da emoção, Sartre nota que ela é “[...] uma queda brusca da consciência no mágico [...] há emoção quando o mundo dos utensílios desaparece bruscamente e o mundo mágico aparece em seu lugar [...] é um modo de ser da consciência (SARTRE, 2007)

Diferentemente das falsas emoções de um ator, por exemplo, nas quais “[o ator] imita a conduta, mas não se conduz [...] as condutas não são sustentadas por alguma coisa, elas existem sozinhas e são voluntárias. Mas a situação é verdadeira, e a concebemos como exigindo tais condutas.” (SARTRE, 2007). Nesse caso não há “queda no mágico”, cria-se a ilusão da existência deste “mágico”. Tal afirmação parece ser reiterada pelo autor, ao tratar – em *O Imaginário* – da constituição de objetos irrealis pela imaginação: “O sentimento, portanto, comporta-se diante do irreal como diante do real. Procura fundir-se a ele, unir-se a seus contornos, alimentar-se dele. Só que esse irreal tão preciso, tão definido é *um vazio*” (SARTRE, 2019), isso porque “a relação que a consciência coloca na atitude imaginante [...] é propriamente mágica” (SARTRE, 2019). Novamente referindo o ator, a partir da perspectiva irrealizante do imaginário ele diz que “não é o personagem que *se realiza* no ator, é o ator que *se irrealiza* em seu personagem” (SARTRE, 2019).

Com isso podemos apontar, também, as relações - muito próximas às compreensões acerca do “mágico” às quais referimos anteriormente – que Sartre aponta entre real e irreal. Estas podem ser compreendidas pois “mesmo que nenhuma imagem seja produzida nesse instante, toda apreensão do real como mundo tende por si mesma a se completar pela produção de objetos irrealis” (SARTRE, 2019), pois “sendo ima imagem a negação do mundo de um ponto de vista particular, ela nunca pode aparecer a não ser *sobre um fundo de mundo* e em ligação com o fundo.” (SARTRE, 2019)

Assim, para retornarmos a questão que se nos coloca, acerca da possibilidade de compreensão do “mágico” para além de um simples artifício de má-fé. Para isso é necessário atentar que a má-fé “pode até ser o aspecto normal da vida para grande número de pessoas” (SARTRE, 2008), pois “ao definirmos a situação humana como sendo de uma escolha livre, sem escusas e sem auxílios, todo homem que se refugia por trás da desculpa de suas paixões, todo homem que inventa um determinismo, é um homem de má-fé” (SARTRE, 2010). O que não significa que um ser humano não deva vivenciar as próprias paixões, ou compreender e guiar-se pela própria situação, mas que toda e qualquer ação é de sua responsabilidade. Da mesma forma, a transformação “mágica do mundo” referida pelo autor em diversos momentos, mesmo compreendida como conduta “diante da incapacidade de resolver os problemas usando os meios determinados, [que] busca agir na estrutura fenomenal das coisas” (FUJIWARA, 2020), pois “se é

pela liberdade que o mundo será mágico ou racional, e se esta liberdade é igualmente responsável pelo advir incondicionado de motivos, móveis e fins, conferir ao mundo um aspecto racional ou mágico” (FUJIWARA, 2020).

Um outro aspecto relacionado a tal compreensão é que Sartre “recorre ao mágico para explicitar a relação – a abertura – da consciência ao mundo” (FUJIGAWA, 2015), da mesma forma que “a linguagem mantém-se para o outro como simples propriedade de um objeto mágico – e ela própria como objeto mágico: é uma ação à distância cujo efeito o outro conhece exatamente” (SARTRE, 2008). Assim, revelando possíveis aspectos do “mágico” que não incorram em má-fé.

2. METODOLOGIA

Para a execução de nossa tarefa, pretendemos nos debruçar nos textos de Sartre referentes ao tema proposto, buscando amparo em material produzido por comentadores, no intento de aclarar nossa percepção acerca da noção de mágico proposta pelo autor. Da mesma forma, buscaremos, em ambas as fontes, relações que nos possibilitem amparar nossa compreensão acerca da temática, apresentando corroborações e contrapontos a esta.

Assim, faremos, em parte, a exegese do texto sartriano e de seus comentadores, e quando pertinente, a crítica necessária. Não nos furtaremos, também, de buscar amparo em textos literários que possam contribuir com a pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tal empreendimento ainda se encontra em fase inicial – porém, a partir das aproximações iniciais com as obras do autor e de seus comentadores já podemos levantar algumas questões: qual seria o aspecto capaz de diferenciar algo “verdadeiramente” mágico – a partir da perspectiva sartriana – da mágica vinculada à má-fé? Qual o elemento vinculante destas duas concepções? Quais os possíveis desdobramentos, para a vida cotidiana, de uma mudança na compreensão do mágico? E, por fim, qual a relação do mágico com a arte (se ela existe)?

Caso consigamos responder a estas questões, ou, ao menos, a algumas delas cremos que podemos avançar muito na compreensão da profundidade da filosofia de Sartre, bem como na aplicação desta à vida e ao cotidiano, possibilitando que os seres humanos possam exercer sua liberdade de maneira mais “verdadeiramente mágica”.

4. CONCLUSÕES

Dado o momento ainda embrionário de nossa pesquisa, o que podemos concluir é que Sartre dá certo peso e importância a noção de mágico, e que, mesmo muitos comentadores encontrem nela somente uma relação mais direta e específica à má-fé, é possível encontrar um possível caminho para a autenticidade na compreensão mais apurada deste mesmo aspecto mágico. Devemos levar em consideração a possível ambiguidade desta noção para que possamos colher dela os frutos mais doces, mesmo que nos encontremos algumas vezes com os amargos e apodrecidos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO, T. V. de. O ego feiticeiro e a ilusão mágica. **Poesis - Revista de Filosofia**, Montes Claros/MG, v. 26, n. 01, pp. 18-37, 2023
- FUJIWARA, G. A liberdade ontológica de Sartre: algumas considerações críticas. **Synesis**, Petrópolis/RJ, v. 12, n. 1, p. 66-95, 2020.
- _____. Região fenomenológica e esfera psíquica em Sartre: esboço para uma genealogia do mágico. **Griot – Revista de Filosofia**, Amargosa/BA, v. 11, n. 1, pp. 45-66, 2015.
- OLIVEIRA, R. L. A relação entre arte e imaginário segundo Jean-Paul Sartre. **Perspectivas - Revista do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFT**, Palmas/TO, n. 1, pp. 3-21, 2019.
- REYES-PÉREZ, O. de J. Análisis y comentarios en torno al Bosquejo para una teoría de las emociones de Jean Paul Sartre. **Ciencia y Mar**, San Pedro Pochutla/MX, v. 23, n. 68, pp. 39-48, 2019.
- SARTRE, Jean-Paul. **A imaginação**. Porto Alegre/RS: L&PM, 2008.
- _____. **A transcendência do ego**: esboço de uma descrição fenomenológica. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.
- _____. **Esboço para uma teoria das emoções**. Porto Alegre/RS: L&PM, 2007.
- _____. **O existencialismo é um humanismo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.
- _____. **O imaginário**: psicologia fenomenológica da imaginação. Petrópolis/RJ: Vozes, 2019.
- _____. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. 16ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.
- SOUZA, T. M. de; CARVALHO, T. de O. Considerações sobre o sentido da passividade no pensamento de Sartre: o paradoxo da existência passiva de uma subjetividade espontânea. **Kínesis – Revista de estudos dos pós-graduandos em Filosofia**, Marília/SP, v. 14, n. 37, p. 132-156, 2022.
- _____. Um corpo constituinte no pensamento sartriano? Esboços sobre a relação entre corpo e consciência na teoria das emoções. **Veritas – Revista de Filosofia da PUCRS**, Porto Alegre/RS, v. 67, n. 1, p. 1-16, 2022.
- VERÍSSIMO, L. J. Categorias constituintes da vida psíquica em Jean-Paul Sartre: a emoção e a imaginação. In: **Anais do 2º colóquio internacional sobre Sartre: interseccionalidades na compreensão do sujeito contemporâneo** (Org. Sylvia Mara Pires de Freitas e Lúcia Cecília da Silva), Maringá/PR: UEM-LIEPPFEX, pp. 29-41, 2019.